

**Anteciparte**

# Os verdes anos

São 14 finalistas de Belas-Artes de todo o país. Acabaram a sua formação e passam agora ao terreno, numa primeira prova de fogo. O **JL** visitou o Anteciparte, organizado pela Blug e pelo Millenium BCP, patente no Páteo da Galé, no Terreiro do Paço, em Lisboa, até ao próximo domingo, 10, e revela as propostas desta novíssima geração de artistas

■ RICARDO DUARTE

**H**á momentos que decidem vocações e certezas que vêm da infância. Universos pessoais que se vão construindo aos poucos, encontrando ideias fortes, perspectivas, sensibilidades, que depois se alongam em obras que não se resumem a um único suporte. Na 3.ª edição do Anteciparte, 14 finalistas dos cursos de Belas Artes do país têm a sua primeira prova de fogo. Apresentam-se ainda em formação, em demanda de um território artístico por descobrir. A experimentação é a postura dominante, não no sentido de quererem ser diferentes, mas na vontade de construírem uma identidade própria. Pinturas, esculturas, desenhos, fotografias, vídeos, instalações, performances e intervenções na cidade mostram como são ténues os limites da contemporaneidade e híbridos os discursos plásticos. A finalidade, no entanto, é sempre a mesma: perceber o horizonte que nos rodeia e o mundo interior que habitamos. Corpo e espaço, interior e exterior, pergunta e resposta, jogo e enigma, conceito e material, efémero e perecedor tecem o contorno destas obras que anunciam hoje o futuro que havemos de ver. Porventura, nem todos conseguirão sobreviver no circuito das artes plásticas. Mas exibem-se agora nos seus «verdes anos», como sugere Miguel von Hafe Pérez, comissário desta mostra.

**Intervenção e interferência**

O Anteciparte desceu à Baixa de Lisboa, depois de dois anos na Estufa Fria, no Parque Eduardo VII. Rivalizando a atenção com a gigantesca árvore de Natal que faz as delícias de milhares de pessoas, o discreto Páteo da Galé, junto à estação dos Correios do Terreiro do Paço, convida o visitante para uma viagem singular. À entrada, um avião sem cockpit anuncia que as regras, se existem, são para serem quebradas. A instalação de Luís Ribeiro, que abre e encerra a exposição, dá o mote à edição deste ano. A intervenção no espaço e a adaptação dos trabalhos às potencialidades da sala são as características que mais saltam à vista. A arte, que lutou para sair do espantoso da tela e da pedra, conquistou agora novos suportes, inventando linguagens. A «ausência de controlo» e a «necessidade de fuga em relação ao outro» são os temas explorados por Luís Ribeiro, 24 anos, formado pelo pólo de Guimarães da Escola Superior Artística do Porto. Uma primeira viagem de avião, realizada há poucos anos, e a constatação de um amigo seu, num centro comercial — «já reparaste como as pessoas não se tocam?» —, deram-lhe pistas para tentar compreender como lidamos com o espaço. Inves-

tigou sobre esta matéria, leu as obras de Edward T. Hall e explora agora o conceito de «proxémia». Da ausência de controlo inicial, passa-se para uma «perda de identidade». Em fotografias e esculturas, dezenas de figuras em miniatura olham todas para a mesma direcção. Não é fácil, na sociedade contemporânea, ser do contra.

A adaptação ao espaço também é a chave da instalação de André Banha, 26 anos, embora as motivações sejam outras. As suas construções em madeira, que reutiliza em sucessivas obras, são uma evocação da sua infância. Em criança lembra-se de brincar na oficina do seu avô, em Santarém, e de usar as ferramentas, aproveitando os desperdícios que se iam espalhando pelo chão. E quando, a meio do curso na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, tentou procurar um cunho pessoal para o seu trabalho, descobriu que ele há muito estava dentro de si. Reencontrou-se consigo próprio e apela ao espectador que siga o mesmo caminho. Penetrando um dos cantos da estrutura do Páteo da Galé, forma-se um túnel que vai ganhando sentido à medida que cada parede puxa pela memória e reconstitui «as casas nas árvores» de outrora. A certa altura, há um piso superior e um corredor que desemboca numa janela. André Banha gosta de «trespassar as paredes, esconder e revelar».

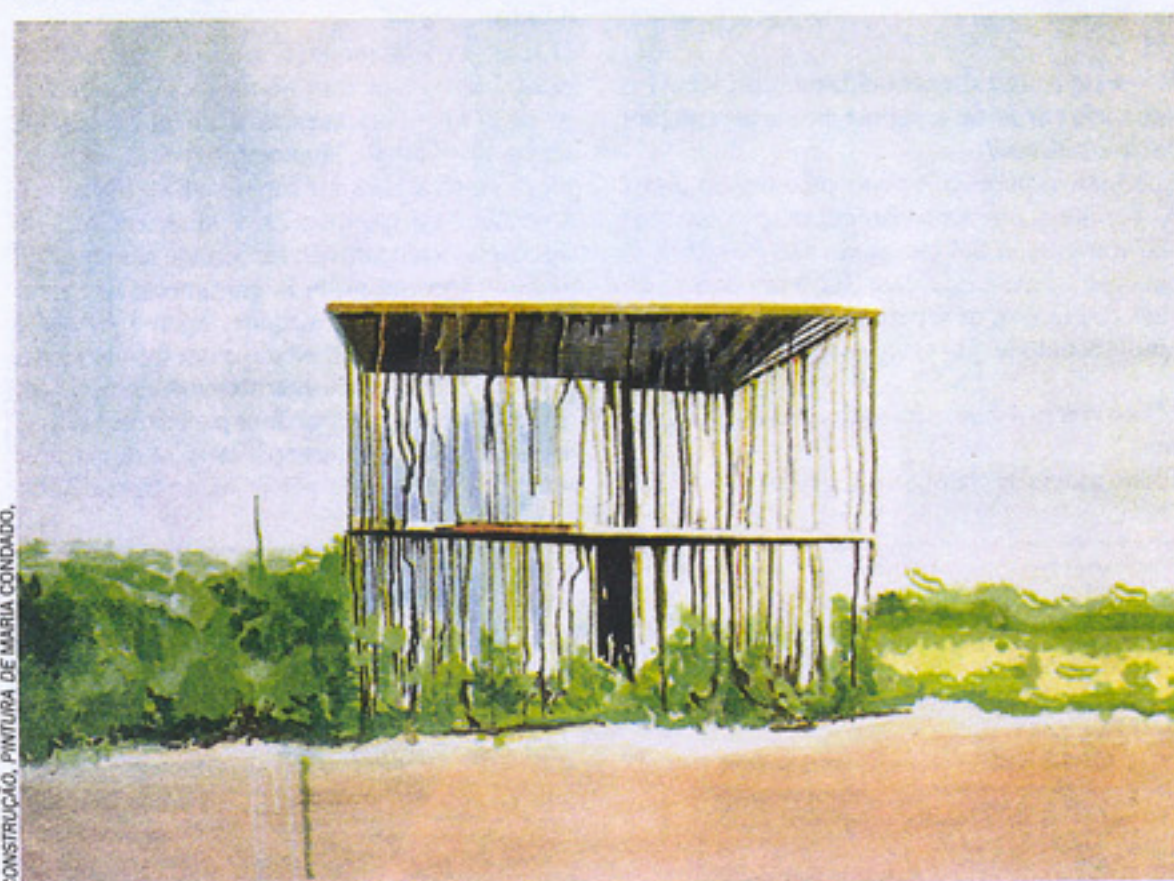
No caso de Dalila Gonçalves, 24 anos, da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, a intervenção torna-se «interferência». Não é necessariamente uma adaptação, antes uma perturbação de uma realidade já de si casual: o espaço público. Numa praça, num largo, na praia, simulando uma passeadeira, com pão, milho, arroz ou pipocas, não há pomba que lhe resista. Dessa efemeridade, sobra a memória de quem viu e o registo fotográfico da artista. De resto, o mesmo acontece com outras materiais que usa, também eles perecíveis. Ao visitante do Anteciparte não poderá passar despercebida a estranha calçada portuguesa que se alinha entre duas colunas. As convenções também já não são o que eram, e o que antes era «feito com materiais nobres e para se pisar» é agora composto por sabão azul e branco. O estatuto de obra de arte confere-lhe uma componente «intocável».

**A duplicidade fotográfica**

Tudo «começou com um jogo». E a ele não foi estranho a máxima de Duchamp, «nem todos os artistas são jogadores de xadrez, mas cada jogador de xadrez é um artista». Das sucessivas jogadas foram saindo imagens. Primeiro numa toada simplesmente documental, passo a passo, lance a lance. Mas, aos poucos, essas imagens foram ganhando corpo, espessura, revestindo-se de outros significados. A José Nuno Lamas, 31 anos, e Valter Ventura, 27, que se conheceram no curso



SEM TÍTULO, FOTOGRAFIA DE JOÃO SERRA



CONSTRUÇÃO, PINTURA DE MARIA CONDADO

avanzado de fotografia do Ar.CO — Centro de Arte e Comunicação Visual, interessa-lhes o «tempo mental» de cada jogador. O que se vê no tabuleiro e o que se antevê no cérebro não são exactamente o mesmo. E as suas fotografias de grandes dimensões retratam esse hiato, esse abismo irrepresentável. «As fotografias suspendem a narrativa, provocando um salto temporal de imagem para imagem», explicam. A esta duplicidade fotográfica, alia-se uma forte componente performativa. Jogadores — José Nuno Lamas e Valter Ventura eles próprios — e tabuleiros deambulam pelos mais variados, e por vezes inóspitos, lugares. Um sopé com vista para Lisboa, em cima de uma cisterna, ou numa pedreira. A cenografia não é indiferente, até porque épicos são estes «confrontos». O mesmo curso de fotografia frequentou João Serra, 30 anos, que, além de participar no Anteciparte, é um dos quatro finalistas da mostra BES Revelação, patente na Fundação de Serralves. Bairros da periferia de Lisboa em processo de desaparecimento são o pano de fundo do seu estudo sobre a representação e a imagem. Deixar emergir o potencial estético, pictórico e escultórico destes edifícios marginais regula o foco da sua objectiva, numa tentativa de substituir «o olhar quotidiano por um olhar que reconheça outro tipo de valores». João Serra quer «dar a ver o que toda a gente já viu — a banalidade dos objectos, mas investindo-os de novas possibilidades». Há, por isso, nobreza nas suas fotografias, reforçada pela valorização da paleta cromática que singulariza estas habitações. «Nestas imagens, a cidade ilegal, clandestina, medonha na

ocupação e construção dos espaços, onde os políticos e sociólogos podem facilmente encontrar a matéria da qual alimentam os discursos, é reconduzida pelo véu fotográfico a uma nova dignidade», afirma o artista.

**O lugar da pintura e da escultura**

Numa colectiva de artes plásticas, não podiam faltar obras de pintura e escultura. O seu fim é sempre anunciado, mas a verdade é que estas disciplinas clássicas nunca deixaram de marcar a sua presença. E nesta edição vê-se como linguagens tradicionais podem ser reinventadas, quer na temática, quer na forma. A Maria Condado, 25 anos, da Faculdade de Belas Artes de Lisboa (FBAUL), interessa-lhe a ideia de lugares desabitados, anónimos. A sua pintura estabelece uma espécie de «arqueologia do amanhã». «É como se a natureza reclamasse o que sempre foi seu», sugere. Nestes quadros não há paisagens humanas, apenas edifícios, tudo menos históricos, que se configuram como vestígios abandonados de uma civilização extinta. Neste período intermédio, suspenso de vida, estádios de futebol, arquitecturas do quotidiano e tendas arqueológicas devolvem à pintura os valores primordiais da natureza. Na sua obra, sobressai a gestualidade inerente à tela e ao cavalete e essa marca física do acto de criar é fundamental para Maria Condado. A fotografia serve como esboço, mas cada composição é fruto de um trabalho meramente imaginativo.

O enigma domina as pinturas e desenhos negros de Ana Elsa Santos, 24 anos, da FBAUP e agora no Ar.Co. Sobre superfície frágeis, como o pape-



PEDRO PIRES, NOVA PELE